outubro 70 nº7

O COMUNISTA

UM DESERTOR ACUSA

Natural de Reguengos de Monsaraz-Alto Alentejo, casado e com um filho.

Chamo-me Manuel Ilberto Costa Alfaiate, ex-2º grumete fusileiro naval nº 790/68. Ingressei na Marinha de guerra Portuguesa a 22-4-68 e embarquei para a Guiné a 15-2-69. Em Bissau passei 3 meses fazendo guardas e os dois meses que se seguiram passei-os fazendo escoltas a batelões que levavam mantimentos para o exército.

Logo quando chegámos a Bissau, os oficiais disseram-nos para que não tivéssemos medo porque vinhamos para a Guiné apenas fortalecer a segurança da provincia e que não havia guerra na Guiné. Perguntei então aos meus colegas se era verdade que não havia guerra e a resposta deles foi simples: "Se queres saber vai visitar a enfermaria".

Eu assim fiz e o que me foi dado a ver impressionou-me muitíssimo: jovens como eu, inutilizados para toda a vida. Uns sem pernas, outros sem braços, outros cegos. Vi então, lembrando-me do que me tinham dito os oficiais, a política desses mesmos oficiais e os objectivos que eles perseguem ao dizer-nos tais mentiras.

Findos esses 5 mêses, fui enviado para a base fluvial de Ganturi numa secção de morteiros de apoio aos destacamentos e onde participei em operações. Uma das operações foi na zona de Iador onde foram capturados um velho de 60 anos e uma criança de 7 anos. No proprio luda captura o 2° tenente fusileiro Teixeira da Silva deu ordem ao guia para matar os "bandidos", como se uma criança e um velho pudessem fazer algum mal.

Então o guia, com o maior sangue frio apontou a arma à cabeça da crianca e perguntou-lhe: "ouve lá, queres vir para Bissau?" A criança inocente começou a rir e então o guia disparou-lhe I9 tiros decapitando-a e depois disse: "Deste carregador sobrou uma bala para o velho pois ele não vale mais", e juntando a acção à palavra, disparou-lhe à cabeça. Seguidamente o 2° tenente Teixeira da Silva tirou várias fotografias dos dois corpos, fotografias essas que esse oficial vendeu mais tarde no aquartelamento a 5$00 cada uma.

Uma outra vez, e noutra operação, iam alguns marinheiros num bote de borracha para atravessarem um rio pleno de crocodilos. Um dos marinheiros caíu à água e com ele a rádio. Claro está, que numa situação como esta os outros marinheiros nada puderam fazer para salvar o colega. Quando desembarcaram foram notificar a um superior o sucedido Quando lhe disseram que um camarada deles tinha caído ao rio e nem mais o viram, isso não causou qualquer reacção da parte do superior. Mas quando lhe disseram que o rádio tinha caído:

"Perderam a rádio?"

-"Primeiro está o nosso camarada."

-"Isso um marinheiro pede-se para Bissau num dia e no outro já cá está e um rádio já não é assim."

Vi muitos outros crimes o que me fizeram prometer a mim mesmo que tinha de desertar. Tinha que ir para longe de tantas atrocidades e crimes para não me transformar numa besta humana.

E ORGANIZA-SE

Foi assim que a I8-2-70 conhecedor do descontentamento dos meus camaradas

José Armindo Sentieiro e Antonio José Vieira Pinto, desertei com eles e assim com armas às costas e um lenço branco na mão, contactámos o PAIGC.

É espantoso de verificar as realizações em todos os domínios, do povo que orientado pelo partido está desde já construíndo uma Guiné nova.

O povo não tem ódio natural ao branco, ele sabe distinguir entre os seus amigos e os seus inimigos.

Ele sabia que tinhamos desertado porque nós tinhamos constatado que o direito e a razão está do seu lado e por isso mesmo nos tratou como irmãos.

Depois de tudo o que vi não tenho dúvidas da vitória final do PAIGC.

Para além dos guerrilheiros há todo um povo que apoia o movimento, e o material do PAIGC é superior ao português.

MILITANTISMO REVOLUCIONÁRIO

1- Nos ultimos tempos, um fenómeno surgiu e se desenvolveu: o aparecimento de grupos de formação práticamente expontânea, mobilizados para a luta contra a burguesia.

Consequência natural da crise económica e ideológica do capitalismo, este facto confirma a tendência geral para a Revolução, e acelera o isolamento das posições colaboracionistas e revisionistas.

Não se pode esquecer que a unificação destes militantes só se poderá realizar na prática, e nunca através de "obediência" a definições ideológicas desligadas do concreto. Entende o "C", que a explicação detalhada do que é a acção politica marxista-leninista, poderá acelerar o processo de união [illegible] tes esforços, condiçao importante para a formaçao da organisação revolucionária que falta ao proletariado.

Esta a razão de ser do presente artigo.

2- É impossivel definir o que é o militantismo revolucionário, se não se concretizarem a táctica e a estratégia politica, quer dizer, qual o fim em vista e quais os meios para o atingir. →

...ática Democrática popular, o ...r exercido pelos trabalhadores, expropriação da burguesia, eis o objetivo da nossa luta.

Os meios para o atingir serão necessàriamente muitos e variados, pois orresponderão a tácticas de defesa contra-ataque do inimigo.

O importante a definir é que a tomada do poder nunca será possível eguindo uma linha legalista, e que infiltração do espirito de combate nas massas trabalhadoras é a have da Revolução.

Essa luta politica contra o capialismo, tem como forma superior a tilisação da violência, exercida elas massas populares e não por m ou outro grupo, pois nunca a ceagem isolada poderá solucionar o rande problema: a separação das assas.

Trata-se de dar a iniciativa poli ica ao proletariado e ao campesiato, e evitar que as massas esteam acorrentadas à ideologia radial burguesa.

A luta de classes é o ponto de eferência da nossa acção politica; ó a partir dessa noção poderemos ssegurar a evolução correcta da ossa linha, só assim será possível riar a organisação revolucionária, assegurar-lhe a indispensável coesão.

3- Na prática, como deve actuar o militante?

Antes de passar a qualquer acção, é fundamental montar um aparelho de defesa contra a repressao. Nunca se pode esquecer que a prisao de qualquer camarada é sempre um atrazo na luta revolucionária; que essa prisão se verifique porque a repressão é feroz e porque a luta é dura e difícil, é um factor natural, para o qual a organisação está preparada. Imperdoável é que essa prisão seja possível devido a descuidos conspirativos.

a) pontos de apoio-casas e outros esconderijos para guardar material conspirativo ou camaradas que sejam perseguidos;

b) transportes-para permitir deslocaçoes de material com segurança, fugas de camaradas, etc.

c) passaportes e outra documentação-falsificada ou não, mas que assegure a fuga e protecção de militantes;

d) aparelhos de fronteira-para entrada e saída de militantes e de material.

e) cuidados clandestinos-a enorme maioria de prisoes são devidas à completa ausência de cuidados na prática politica. Se não nos esquecermos do enorme aparelho repressivo que nos combate, verificamos que temos de pôr em prática novos pro-

cessos de trabalho,mais seguros e conspirativos:

1-Reunioẽs-sempre com um número reduzido de militantes,em lugares seguros,e de curta duração.Antes de começar a reunião,empregar sempre o processo do"minuto conspirativo", lapso de tempo em que os camaradas combinam uma justificação de reunião,no caso de a policia assaltar o local em que se encontram.Utilizar sempre o menor número possível de papéis,pois de outro modo facilitamos a acção da policia.

Dirigir-se ao local da reunião,tomando outras direcçoẽs,para despistar possíveis espias.O último camarada a chegar informa sobre a situação da zona,se ela está vigiada ou não.

2-Apontamentos e marcação de encontros-nunca apontar nada em agendas ou blocos,com nomes próprios dos militantes,seus números de telefone ou direcções;utilizar sempre outros nomes ou números elaborados através de um código pessoal.Utilizar o telefone o menos possível,e sempre com palavras em código previamente combinadas.

3-Comunicaçoes e relatórios-nunca enviar cartas onde seja explicada claramente a linha ou a acção a seguir:Nunca enviar relatórios das actividades pelo correio de Portugal,se eles se destinam ao estrangeiro;tentar colocar esses documentos em correios estrangeiros,ou por mão própria.

D-Aeção politica:

Desmistificar o revisionismo,educar politicamente a classe operária,enquadrar e organizar os militantes mais conscientes,divulgar as posiçoẽs politicas marxistas-leninistas do ponto de vista nacional e internacional,conduzir a luta ideológica com rigor politico, evitar cair nos vícios pequeno-burgueses sectários e dogmáticos.

a)recrutamento,mobilização e organização- não esquecer que os camaradas a integrar na actividade politica clandestina,tem que ser seguros politicamente,serem reconhecidos como militantes devotados à causa do proletariado,e livres de toda e qualquer suspeita de fraqueza em relação às condiçoes da luta de classes.

Organizar grupos de estudo de marxismo adaptado às condiçoẽs específicas da realidade portuguesa,com os camaradas inseguros politicamente.

Organizar núcleos de simpatisantes com os militantes recentemente recrutados,de maneira a que sejam submetidos a uma prática selectiva.

Em relação aos camaradas estudantes

ou intelectuais,orientá-los para uma acção junto da classe operária; esse constituirá o melhor processo da sua educação revolucionária,será a via mais segura para que eles abandonem os tradicionais vícios oportunistas e carreiristas da burguesia radical.

Se a implantação se processa com uma certa facilidade,nunca cair no erro de ligar clandestinamente os vários núcleos formados,pois não existem aparelhos de defesa anti-repressiva suficientemente fortes.

A ligação entre os vários núcleos de trabalho,deve ser extremamente compartimentada.Evitar o máximo de promiscuidade politica,a mania de querer saber o que os outros militantes fazem,evitar a pretensão dirigente e auto-suficiente;saber escutar os outros camaradas,saber discutir,esclarecer,auto-criticar-se.

Só com estes métodos de trabalho a extrema esquerda se conseguirá organizar,só assim os militantes perderão os vícios que herdaram da prática revisionista ou pseudo-revolucionária.

Nunca descurar o estudo do marxismo,intensificar a luta ideológica dentro dos núcleos a que pertencemos,editar textos polémicos destinados à organisação.Este é o único processo,aliado a uma prática concreta,que irá clarificar as contradições que existem entre os militantes,que derrotará as concepções erradas,e criará a unidade politica necessária a organisação revolucionária dos trabalhadores portuguêses.

b)inquéritos revolucionários-agir correctamente,implica um conhecimento perfeito da realidade.Investigar e analizar a situaçao concreta,garante que a nossa reflexão teórica não peca por imprecisoès ou medíocres importaçoes de outras experiências revolucionárias.

"Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário", disse Lenine.

Como evitar o seguidismo teórico,como garantir que elaboramos efectivamente a teoria revolucionária adaptada ao nosso movimento revolucionário?" Por meio da prática descobrir as verdades, e igualmente por meio da prática, confirmar as verdades e desenvolvê-las."- Mao Tsé-Toung.

Como actuar correctamente, como e onde atacar o inimigo? Analizando os seus pontos fortes, os seus pontos fracos, e utilizando a táctica de luta adequada. Uma das maiores dificuldades que enfrenta o movimento revolucionário português, é a quase total ignorância pela reali-

dade portuguesa; devido à falta de dados concretos, a análise científica das classes, suas condições de luta, contradições, e sua evolução, é quase irrealizável, e até hoje têm sido pràticamente inexistente (exceptuando os nº de "Revolução Popular").

Daí que vários movimentos "revolucionários" façam "teoria", dizendo mal o que Marx, Lenine e Mao escreveram bem, e daí que tennamos preferido a tradução de clássicos marxistas para a educação e orientação dos militantes.

Mas esta é uma lacuna grave do nosso movimento que devemos combater.

Todos os camaradas devem organisar ficheiros que proporcionem uma visão o mais correcta possível da realidade portuguesa, e que forneçam dados seguros sobre as dificuldades que os revolucionários têm que vencer.

Esses ficheiros devem ser divididos em 3 categorias:

I- Forças politicas -juntar nomes, moradas, fotografias, e outros dados informativos dos funcionários de Estado (Ministros, Secretários e Sub-secretários,etc.),membros da Assembleia Nacional Popular, e outros organismos governamentais.

Seleccionar os textos mais ilustrativos das posições e problemas do actual Governo, e das formas de "oposição".

2- Forças económicas-recolher os mesmos dados acima citados, em relação a toda a super-estrutura económica e financeira: indústria, comércio, corporações, cooperativas, sindicatos, Bancos. Analizar especialmente as industrias em evolução: químicas, metalurgicas, têxtil,etc; investigando o montante do salário, número de operários e localização geográfica.

3- Forças repressivas-elaborar ficheiros detalhados com fotografias, planos de quarteis,etc.sobre:Pide-DGS, GNR, PSP, Legião Portuguesa, Guarda Fiscal, Liga dos antigos graduados da Mocidade Portuguesa, Movimento Nacional Feminino. Dedicar uma especial atenção aos CTT, colaboradores das forças repressivas. Quando se projecta actuar politicamente, numa determinada localidade, é fundamental recolher informações sobre:

- caminhos e acessos da zona;
- horários dos transportes públicos;
- actividade associativa;
- passado politico da região;
- actual estrutura sócio-económica;
- personalidades importantes da direita, burguesia liberal e massas trabalhadoras.

cjacção de massas- a acção junto das massas na defesa dos seus interesses, no esclarecimento de todo e qualquer problema, é a verdadeira escola do militante revolucionário. Com essa prática, é fácil abandonar os vícios do sectarismo. Compreende-se a diferença entre as contradições no seio do povo, e as contradições com os nossos inimigos. O "quadro"politico surge e desenvolve-se, porque está constantemente em luta.

A linha de massas correcta divide-se em 3 direcções:

1- MULHERES-Para uma organisação que tem como objectivo a tomada do poder pelo proletariado, e que rejeita toda e qualquer linha de acção que não assente nas massas, a participação das mulheres é vital. Ainda mais escravizada que o homem, constantemente afastada do convívio social, toma frequentemente atitudes reaccionárias, chegando a desmobilizar o seu companheiro e os filhos, e raramente reagindo contra a exploração que a oprime.

Para a burguesia não é importante que a maioria da população esteja de acordo com o sistema do governo; o que é preciso é que a maioria não reaja, que a maioria diga: "não tenho nada a ver com essas questões", "quero é fazer a minha vida descansado",etc. Os capitalistas sabem que quem não é contra eles, acaba por ser a favor deles, ou melhor, "quem cala consente".

A resposta revolucionária não pode ser senão a mobilisação de todos os explorados, e entre eles temos a mulher, 50% da massa trabalhadora.

É difícil propôr acções concretas em relação ao trabalho no meio das mulheres; as acções serão descobertas pelos militantes, referentes a cada caso concreto.

Afirmamos ainda que esta libertação da mulher passa pela luta de classes, e não pela psicanálise.

Só na futura sociedade colectiva, na sociedade onde cada individuo tem valor e importância, é que será possivel solucionar todas as contradições originadas pelo patriarcado burguês.

2- JUVENTUDE-força fundamental de qualquer Revolução, fàcilmente conquistada pelas ideias progressistas e pelo sentimento de luta, porque ainda não estabilizada na sociedade burguesa. Para qualquer linha a definir o apoio da juventude é a a força decisiva.

Exemplifiquemos:em o "C"nº2,ao mesmo tempo que se propunha a criação de Comités de Soldados contra a Guerra Colonial,afirmava-se que esse projecto não seria realizável sem

(cont. na pg.13)

OS COMERCIANTES de ESCRAVOS

o racismo

O patriota angolano João Baptista, boletineiro dos correios de Luanda, casado e com oito filhos, foi preso e condenado a 2 anos e meio de prisão e medidas de segurança prerrogáveis de 6 em 6 meses.

Encerrado na prisão de Peniche, mais tarde transferido devido ao sangue que escarrava, para o Hospital S.João de Deus em Caxias, João Baptista devia sair em liberdade no dia 4 de Setembro.

Em Setembro a Pide decidiu a prerrogação da pena por mais 6 meses. Para mascarar as suas decisões e dar um aspecto legal, a Pide deve passar pelo tribunal que tem a última palavra (mas que já era a dela).

Mal se soube o acontecido, um grande protesto fez recuar a burguesia que logo se apressou de dar ao tribunal o assunto para examinar.

O tribunal dessa mesma burguesia hipócritamente assustada, despachou prerrogando a pena por mais 6 meses fixos, e fixando depois de novo um processo que decidiria da sorte de João Baptista em função das informações da direcção da cadeia de Peniche.

O director dos guardas, esse conhecidíssimo assassino VITOR RAMOS (matador a sangue frio de muitos republicanos espanhois durante a guerra civil de Espanha), envia ao tribunal o seu mandato:-"Não convém sair porque é rude, negro e de pouca instrução".

Os rudes, negros e de pouca instrução só servem para o trabalho forçado ou para sair do pais, quando a burguesia quer ainda engordar mais e construir um PORTUGAL NOVO.

O PORTUGAL NOVO DE MARCELO É O PORTUGAL DOS BURGUESES TERRORISTAS CONTRA O POVO EXPLORADO E OPRIMIDO:

A Pide-DGS, Os juizes, e o exército são os instrumentos desse terrorismo.

Eles prendem, torturam, e matam os trabalhadores revolucionários nas cadeias, os operários nas fábricas e populações inteiras nas colónia

a exploração

30.000 angolanos foram "importados" para Portugal afim de trabalharem nos Estaleiros da Lisnave, na Siderurgia, na Cuf, e na construção civil.

Nas obras do Metropolitano estes trabalhadores das colónias ganham 18 a 21 escudos por dia em 4 dias à semana.

A burguesia e nomeadamente o Sr. Jorge de Melo vai buscar às colónias negros já "rodados" nas fábricas do mesmo monopólio, para em seguida fazê-los trabalhar nas suas fábricas da metrópole.

Por outro lado, a burguesia portuguesa, desenvolve toda uma campanha de emigração de trabalhadores brancos para as colónias (sobretudo Angola) ao mesmo tempo que investe cada vez mais na produção e que urbaniza as terras coloniais.

A Burguesia prepara desde já o terreno da sua dominação, para instalar um regime néo-colonialista seguro e sólido, quando for a altura de dar a independência às colónias.

O comércio de escravos não pára aqui. Desde há 10 anos que os trabalhadores portugueses têm de emigrar em massa para poderem sobrevver. Esta emigração é de novo, um mercado vantajoso para o Estado

DESENVOLVAMOS NA LUTA DE TODOS OS DIAS CONTRA OS PATRÕES E A SUA POLICIA, A NOSSA SOLIDARIEDADE COM OS NOSSOS IRMÃOS NEGROS EM LUTA NAS COLÓNIAS.

NÓS PRECISAMOS dos PATRÕES?

Núcleos "O COMUNISTA"

PATRÃO, ou tu pagas ou SABOTAMOS!

600 operários trabalham na fábrica de móveis Olaio em Sacavém.
O Sr. José Pedro, patrão desta empresa vem fazendo 14.000 contos de vendas mensais!
Ao patrão que vem enchendo os bolsos, os operários roubados exigem a melhoria das condições de trabalho (instalações) e mais 600$00mensais.
Basta de trabalho e de escravatura para engordar o Sr. José Pedro!
Para evitar que o patrão os reprimisse e quebrasse a luta, expulsando os mais activos, os operários fizeram um abaixo-assinado em circunferiência.
Com este "redondo" assinado, foi impossível ao patrão de detectar os nomes dos três primeiros operários que assinaram.
A astúcia dos operários em luta, é uma arma que faz tremer o patrão.
O patrão tremeu e cedeu. O salário de cada operário foi aumentado de 200$00.
Mas o Sr. José Pedro não está contente com essa soma de dinheiro roubada aos operários. Como não consegue descobrir os métodos modernos de se encher ainda mais e fazer calar a boca e os punhos dos operários, ele contactou há dois meses com uma equipa técnica francesa para que ela o ajudasse na tarefa difícil de fazer com que os operários dessem mais rendimento, sem darem por isso, e quando se revoltassem esmagá-los.
É claro:
O patrão já não podia tão bestialmente retirar mais dos operários, pois ele sabe, que quando a gota cai no vaso cheio a água transborda.
Face à ganância fria da exploração pelo patrão, os operários que antes tinham as suas caixinhas de sugestões para pedirem ao patrão a melhoria das condições de vida e de trabalho, acabaram com essas formas de organização.
Eles nunca tinham obtido nada por aqueles meios.
Hoje os operários arrancam 10$00 por dia de aumento ao patrão.
Mas isto não chega.
Os operários já sabem que só a guerra aberta faz recuar os patrões vorazes.
Para fazer ceder o patrão os operários sabotam a qualidade dos móveis.

CAMARADAS OPERÁRIOS, SEMPRE QUE O PATRÃO QUER MAIS E MAIS, NÓS SABOTAREMOS A PRODUÇÃO!

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES NA SABOTAGEM!

Camaradas de Sacavém

A IDEOLOGIA e A PROPAGANDA são armas contra o povo ou ao seu serviço!

Contra a propaganda fascista que denunciamos neste n.º, o proletariado necessita da sua propria propaganda, correspondente aos seus interesses de classe. Daí, que publicamos este cartaz, adaptado de um outro editado por camaradas revolucionários italianos.
Denunciemos os parasitas burgueses!
Afixemos o cartaz nas fábricas, bairros populares, clubes, etc.!

Agit-prop

DUAS NOTAS:
pag. 14-(a frase pouco legível):
-a luta económica transforma-se assim, não num desgaste do capitalismo, como afirmam os reformistas, mas sim numa escola de luta do proletariado.
-pag. 12-nas mesmas circunstâncias, tinha sido preso FRANCISCO LIMA, também operário da Renault.

NOVOS textos marxistas:
-Crítica, Auto-crítica-Mao Tse-tung
-Contra o Liberalismo-Mao T.Tsung
-Col. "Armas contra a burguesia":
Catecismo do Soldado-Charnay

(cont. da p. 8)

uma prévia politização exercida sobre a juventude, pois nunca exixtiu a expontaniedade organisativa em resposta a essa palavra de ordem.

A implantação na juventude deve utilizar todos os processos: culturais, desportivos, associativos, e deve intervir em relação aos problemas que tocam directamente o jovem português. Além da sua condição de explorado pelo capitalismo, na medida em que pertence as forças produtivas, ele é também um instrumento de defeza do colonialismo português, ele é a carne para canhão que em Angola, Guiné e Moçambique assegura a continuidade da dominação da burguesia portuguesa. Daí, que a luta anti-colonial seja um dos pontos de combate para a nossa organisação, como prova a leitura de qualquer nº de "O C.", aliada à justa posição internacionalista, aparece a certeza de se estar a lutar no interesse directo e imediato de uma das mais importantes forças que constituem "as massas": a juventude.

A dificuldade desta acção encontra-se na necessidade de combater, tanto a linha reformista despolitizada como o dogmatismo.

É preciso evitar o erro de exigir aos companheiros o mesmo grau de capacidade ou decisão revolucionária. O desenvolvimento politico é desigual e irregular; acreditar na uniformidade desse processo é continuar ainda os vícios filosófico idealistas.

A capacidade do militante revela-se precisamente, no "aproveitamento" que ele retira de todos os contactos que estabelece. Partindo de concepções anti-dogmáticas, ele conseguirá recrutar elementos de vanguarda e colocar outros camaradas em tarefas menos responsabilizadas, mas nem por isso menos importantes para o desenvolvimento do processo revolucionário.

5-LUTAS ECONÓMICAS-a exploração constante da força de trabalho, as miseráveis condições de vida, a ausência de conforto e de descanso, são os "benefícios" que o capitalismo oferece ao proletariado.

O caminho da educação politica é longo e difícil, e não pode desprezar nunca os interesses imediatos do povo trabalhador. Apoiando as lutas pelos aumentos de salários, redução de horas de trabalho, melhoria de assistência médica e garantias de segurança no trabalho, os militantes encontram-se num campo de acção explêndido.

A demarcação em relação ao sindicalismo reformista, traidor dos interesses da classe operária, passa pela radicalização e politização da luta.

luta económica transforma-se [illegible] capitalis[illegible] reformistas, mas sim numa escola de luta do proletariado.

Se a linha de acção fôr radical e independente das negociatas dos pseudo-Sindicatos ou pseudo-comissões de trabalhadores, ela educará a massa operária:em pouco tempo o proletariado compreenderá que não basta atacar o patrão, que é preciso ir mais além, até à destruição do poder de Estado burguês, para que ele atinja finalmente a liberdade e a independência, e se encontre livre da exploração a que a classe tem estado submetida.
Para que essa evolução se processe, o militante revolucionário tem de estar dentro da luta, orientando-a politicamente, e retirando as lições politicas necessárias à evolução do combate das massas trabalhadoras.

i)aparelho de agitação e propaganda- a saida de textos ou comunicados que proponham linhas tácticas imediatas para casos concretos de luta operária, camponesa ou estudantil, é de uma importância enorme. Todos os núcleos devem estar preparados para esse género de intervenção. Para isso é fundamental conseguir um copiógrafo próprio,ou construir um copiógrafo manual("O COMUNISTA"nº2).
Utilizar os cartazes e as vinhetas na acção propagandística("O COMUNISTA"nºI). Pinturas nas paredes, nas estradas, nos transportes públicos,etc.
Não esquecer que um dos maiores problemas do interior é a falta de informação. Como não existe comunicação, as lutas operárias não se ligam, a unidade da classe não aparece. Tentar vencer esta dificuldade divulgando através de um comunicado simples, a grève ou a luta que se desenrola;

e)utilização da violência- "O C." definiu desde o seu Iº nº, a necessidade de abandonar a luta pacifista e legal, insistindo simultâneamente que a acção violenta tem de assentar nas massas e pertencer à iniciativa das massas.
Para que o proletariado adira a esta linha, é preciso que ele seja educado no combate politico, cada vez mais violento e radical; para que este combate politico se desenvolva, é fundamental dotar as massas trabalhadoras da sua arma principal: a organisação da classe,o partido revolucionário baseado na aliança operário-camponesa.
Este partido não se forma "em casa", discutindo à volta de uma me-

sa, mas sim na prática e na acção; o que não quer dizer que tentemos iludir as dificuldades da sua implantação no seio das massas, através de acções que nos deêm um prestígio sensacionalista. Se seguirmos o primeiro processo, caímos no espírito de seita, no ultra-teoricismo; se seguirmos o segundo processo, o desvio êaventureirista, pois não levamos em conta as condições subjectivas e objectivas da luta, e desprezamos a condição essencial para que o combate seja vitorioso: a organisação da classe, sua educação através de etapas da luta politica. Qualquer das duas concepções estão impregnadas de idealismo e reflete tendências oportunistas. Qualquer das duas tendências esquece que o processo revolucionário assenta nas massas, e que a formação do partido ou o recurso à violência não são senão formas diferenciadas de uma mesma luta: a luta politica.

Partindo do princípio que a agudização das contradições do capitalismo se aceleram, e que consequentemente as lutas populares se radicalizarão, achàmos justo pôr à disposição das massas, "armas eficazes para se defenderem da repressão" (O C: nº I). Esse o motivo porque publicámos nos primeiros nºs de "O C." as formulas do Cocktail Molotov, da Bola de ring-rong, e alguns princípios de defesa de manifestantes.

Resumindo:

a tarefa actual dos militantes é organisativa, pois corresponde à nossa etapa actual. Mas, se as massas lutam, os nossos militantes têm de estar no combate.

Sempre no seio das massas, sempre aprendendo na prática, nunca se escudando atràz de justificações teóricas, criticando e auto-criticando-se, lutando aberta e corajosamente, só assim chegaremos ao nível de quadros de vanguarda e conquistaremos o direito de pertencer ao partido que derrotará a burguesia portuguêsa.

Nota final

Era possível aprofundar e sistematizar alguns dos pontos acima indicados, nomeadamente os referentes aos cuidados conspirativos, inquéritos e acção de massas.

Era inclusivamente possível dar exemplos de iniciativas recentemente tomadas nos meios estudantis e operários, que provam bem a justeza das nossas propostas.

Por segurança dos militantes este esquema foi preferido. Outros temas importantes, como a Democracia

Popular e o papel da violência serão desenvolvidos em estudos a publicar próximamente.

O objectivo fundamental de "O C.", é o de afirmar que a acção revolucionária é difícil e complexa,que existem inúmeras tarefas,todas elas ligadas e inter-dependentes, e que o militante marxista-leninista tem de possuir uma visão larga e não particularizada(nem só teórica,nem só praticista),de todos os sectores onde a sua acção se deve fazer sentir.Como diz Mao-Tsé-Toung,"quando se toca piano,os dez dedos devem mover-se;não se pode tocar apenas com alguns dedos, deixando os outros parados. Para que cheguemos a "tocar bem piano", temos que ter a noçao correcta da multiplicidade das tarefas, e organisarmo-nos em relaçao a elas.

Concluindo:este estudo é um guia geral para o trabalho politico, susceptível de ser desenvolvido e melhorado,consoante o espírito de iniciativa,a imaginação e a capacidade militante de cada camarada.

CONCRETIZEMOS, NA PRÁTICA, O TRABALHO REVOLUCIONÁRIO COM OS NOSSOS IRMÃOS NEGROS DAS COLÓNIAS!

O combate anti-colonial está a tomar força em Portugal.

Do combate isolado passou-se ao combate organisado. Da deserção individual, à deserção organisada.Do trabalho politico isolado ao trabalho politico organisado, no meio dos estudantes, operários e soldados.

Em 1970 apareceram comités de agitação e propaganda contra a guerra colonial: os CLAC(comités de luta anti-colonial), cuja intensidade de acção acelerou a consciencialização sobre este grave problema. Esse trabalho tornou-se, a longo prazo, insuficiente pois lutava numa só frente:a agitação e propaganda.

Entretanto a luta contra a guerra colonial foi amadurecendo. O fruto desse amadurecimento é o aparecimento do movimento de "Resistencia Popular Anti-Colonial"(R.P:A.C.) Este movimento publicou um manifesto anti-colonial, documento teórico e propondo linhas de acção,muito importante e util para todos os militantes que querem acabar com a guerra colonial, e fazer avançar →

as massas operário-camponesas portuguesas numa luta implacável contra a burguesia exploradora e opressiva.

Transcrevemos os pontos principais do manifesto, e algumas passagens que sublinhamos.

MANIFESTO ANTI-COLONIAL

I)-A guerra colonial

a) A posiçao e responsabilidade dos operários e camponeses face à guerra colonial.

-Apesar das suas caracteristicas específicas, Portugal não foge à lei geral dos paises imperialistas que formam ao longo da história uma ininterrupta cadeia de cumplicidade na rapina dos povos colonizados;

-O espírito colonialista contamina todas as camadas da população, pois do mesmo modo que numa sociedade burguesa todos têm um pouco de mentalidade burguesa, assim numa sociedade capitalista-imperialista todos têm um pouco de mentalidade colonialista.

É preciso convencer todos os verdadeiros revolucionários portugueses de que as guerras de libertação dos povos coloniais não são simples luta contra o regime, mas uma luta contra o sistema colonial português, contra a opressão secularmente exercida por Portugal sobre outros povos, e que este facto coloca pesadas responsabilidades ao proletariado e ao povo português.

b) a guerra colonial não é uma invenção do fascismo.

Não nos esqueçamos, porém, como já se sublinhou no principio, que o colonialismo e a guerra vieram sendo preparados através da monarquia e da república, responsáveis e cúmplices dessa politica que geraram nas suas tenebrosas relações comerciais com o imperialismo inglês e com a exploração desenfreada dos POVOS AFRICANOS.

Responderemos assim àqueles que dizem que atacar o colonialismo republicano e democrático é favorecer a propaganda fascista. Mostramos, ao mesmo tempo, como um combate decisivo contra o colonialismo não poderá ser feito sem a denúncia e crítica à origem e natureza do colonialismo e da guerra.

c) O colonialismo português nos quadros do imperialismo.

A guerra é também a mais dolorosa realidade para o Povo Português em nome do qual as campanhas de defesa do Capital nacional e internacional continuam a ser conduzidas. A guerra colonial é ainda garantia das alianças internacionais do governo fascista. E, na base destas, pode-se salientar os interesses económicos imperialistas, interesses esses que são já hoje mais importantes que os próprios interesses da burguesia colonialista portuguesa.

...

Por isso, mas também e principalmente porque à guerra colonial se opõe a guerra de libertação dos trabalhadores das colónias, a posição de todos os revolucionários é trabalhar pela derrota do governo na guerra, pelo êxito total da luta dos povos oprimidos, pelo desmoronamento completo do sistema de exploração colonial em que se apoia a economia nacional servindo os interesses das classes dominantes portuguêsas e internacionais.

II-luta anti-colonial: de classe contra a guerra colonial.

A luta contra a guerra colonial não pode ser limitada à luta contra a ditadura nacional. A luta anti-colonialista é uma luta contra todas as camadas da burguesia, co-responsáveis na guerra de opressão e na repressão que impede os

trabalhadores de tomarem consciência dos seus interesses e solidariedade de classe com os patriotas africanos.

Luta contra todo o sistema (colonial)e não contra o regime.

Do que fica dito atrás decorre naturalmente que qualquer actuação consequente contra a guerra colonial terá que assentar numa visão internacionalista. Sendo a luta contra a guerra a luta dos trabalhadores nacionais contra os inimigos dos trabalhadores dos países colonizados, a causa dos trabalhadores tanto metropolitanos como africanos é a mesma, e não tentar coordenar essa luta seria pelo menos absurdo. A luta de classes sendo internacional e internacionalmente conjugados o capital e a reacção, o povo só pode ter legítimas esperanças de conseguir a libertação se não se limitar, na sua luta e estratégia, a pretender franquear isolado o acesso ao poder político descurando a solidariedade proletária. Na guerra colonial, a solidariedade entre o povo das colónias e das metrópoles é então particularmente prioritária para que qualquer trabalho político sério seja levado a cabo. A mera oposição proletariado nacional-burguesia nacional, com escamoteamento da função dos trabalhadores das colónias, acabará necessáriamente por colocar a luta contra a guerra em esquemas oportunistas e economistas, por desconhecer deliberadamente a força motriz essencial da libertação das colónias, assim como a imperiosidade da congregação de esforços como condição de vitória comum.

III-ORGANISAÇÃO PARA A ACÇÃO

a) A luta tem que ser organizada. Referimo-nos especialmente a relações entre vários núcleos ou sectores em luta, e até no próprio seio desses núcleos ou sectores, que exigirão uma disciplina férrea e a criação de métodos de trabalho adequados à solução de dificuldades próprias de uma acção revolucionária conjunta.
Finalmente, as contradições levantadas superar-se-ão pela radicação do trabalho político entre as massas, numa fase mais ou menos evoluida do processo revolucionário. Será esta, contudo, uma constante e urgente preocupação, condição indespensável para alcançarmos a vitória.

b) luta nas forças armadas
Só uma árdua luta revolucionária anti-colonial organizada mesmo dentro das forças armadas, coordenada com a luta revolucionária dos outros sectores (trabalhadores especialmente, estudantes, empregados, etc.)conduzirá à criação de uma Frente de Luta Popular capaz de pôr em causa e derrubar mesmo a força do poder baseada no sistema de exploração colonial

c) A luta é contra o IMPERIALISMO MUNDIAL
Por isso é urgente denunciar desde já a cumplicidade do imperialismo, especialmente do americano, na espoliação dos trabalhadores da metrópole e das colónias, e mais do que isso, reconhecer por actos que a luta revolucionária dos movimentos de Libertação e a nossa são uma só luta.E também que essa luta é a mesma que a da Indochina, Médio-Oriente e de todos os Povos contra a miséria ou melhor, contra a exploração do homem pelo homem.

Assim é fundamental que venhamos a concretizar na prática, relações de trabalho revolucionário com os nossos irmãos negros das colónias e com os explorados em qualquer parte do mundo." R.P.A.C.

Mais um crime da burguesia.

Dois operários da Renault-Billancourt (fábrica de automóveis em Paris), DANIEL BELES e ANTONIO DA SILVA RIBEIRO, foram presos pela Pide (DGS), ao chegarem a Portugal onde iam passar férias no mês de Agosto.
Estes operários anti-fascistas, acusados de transporte de armas e propaganda, de banditismo e conspiração contra a ordem e segurança do Estado (de ditadura burguesa), segundo um comunicado da policia, (é sabido a facilidade que a DGS tem em fabricar falsas provas de culpabilidade). Eles foram torturados, continuam presos e o Governo ameaça enviá-los a tribunal.
Mal se soube da prisão destes dois operários, os camaradas de trabalho emigrados e franceses solidarizaram-se com as familias de DANIEL BELES e ANTÓNIO RIBEIRO, ajudando-as.
Uma campanha contra a PIDE dentro da fábrica, foi desenvolvida.
À porta da fábrica, foi representada, uma peça de teatro combatendo as polícias políticas e apelando à solidariedade de todos os operários na luta contra as polícias dos patrões, por militantes do Socorro Vermelho.

CAMARADAS, devemos divulgar os crimes incessantes da burguesia.
Devemos vingá-los com toda a nossa força, reforçando a nossa militância para dar cabo deles, e de todo o seu racismo, opressão e repressão.

(continuação da ultima página)

Se aqui se compara o cartaz de propaganda colonialista portuguesa ao cartaz nazi, ambos de conteudo e formas iguais, é para bem mostrar as armas que o governo de Caetano utiliza:
O interesse "nacional" acima de tudo.
E quando se vai ver o que é o interesse "nacional", vê-se:
-Os operários negros e os camponeses negros a trabalharem nas fábricas e nas terras; para QUEM?
-Os militares, filhos do povo, a darem o seu sangue para manter a ordem do trabalho e a boa marcha da produção; ordem de QUEM? para QUEM?
Para os capitalistas, generais, burgueses e toda essa súcia, contra o próprio interesse do povo que trabalha e se esfola.
O interesse "nacional" é o interesse de uma minoria voraz contra o da maioria oprimida.
Como os nazis os colonialistas portuguêses naõ terão a vida longa nem doce;

ELES SERÃO VARRIDOS PELOS POVOS NEGRO E BRANCO UNIDOS
NA LUTA DE RESISTÊNCIA À EXPLORAÇÃO E À OPRESSÃO.

Núcleo "18 Janeiro"

"IDEOLOGIA E PROPAGANDA..."

Os COLONIALISTAS PORTUGUESES DIZEM:
-Em nome do POVO PORTUGUÊS nós combatemos nas colonias.

E QUE DIZ ESSE POVO?
Que ele nada tem nas colónias,que a guerra só lhe dá miséria(emigração,impostos,os homens e o dinheirinho que vão para lá,etc)e que quem vai roubar os povos das colónias são os que o roubam em Portugal
Os colonialistas dizem então:
-Trabalhem mais,dêem o vosso sangue no combate,a nação enriquecerá e será maior.

O POVO sabe que leva a vida inteira a trabalhar para nada ver do que produziu,para nada ter do que fêz,e que ainda o mandam para uma guerra que não é a dele,matar os seus irmãos negros,que lutam como ele contra a escravidão,por uma vida onde todos tenham o que necessitam.

(continua na página anterior)